

Excelentíssimo Senhor Presidente da Direção da Entidade Instituidora

Excelentíssimas Autoridades

Senhoras e Senhores Representantes de Entidades Instituidoras

Senhoras e Senhores Titulares de Autoridade Académica

Colegas, Estudantes e Colaboradores

Senhoras e Senhores Convidados

Hoje, aqui, em finais de 2011, nós estamos a celebrar 25 anos de existência.

“Nós”. Quem somos nós?

Nós somos os representantes das centenas de professores que passaram por esta casa — uns mais graduados do que outros, uns mais talentosos do que outros, como acontece sempre nos grupos e nas organizações. Todos desempenharam o seu papel com a convicção de servir a Portucalense, todos reclamam para si o mérito do dever cumprido.

Nós somos os representantes de milhares de estudantes que fizeram um investimento importante no início da sua idade adulta – um investimento material e um investimento pessoal, qual deles o mais decisivo para o resto das suas vidas. Milhares de estudantes tiveram aqui a oportunidade de se munirem das ferramentas básicas para ganhar a vida, ao mesmo tempo que perceberam melhor o mundo, perscrutaram o seu próprio futuro com os olhos mais abertos, fizeram amizades duradouras e guardaram recordações preciosas a que o tempo acrescentará valor.

Nós somos os representantes das muitas dezenas de colaboradores administrativos indispensáveis, cuja solicitude cria o cimento das boas obras e cuja eficácia garante a todos melhores resultados.

Entre todos os que por aqui passaram, em várias funções, uns saíram para outras paragens, outros foram levados pelas fatalidades da vida. Todos eles construíram o “deve” e o “haver” da contabilidade afetiva que uma casa grande e 25 anos sempre acumulam. Todos são a nossa história, uma história não se exalta nem se lamenta, porque a história não merece sentimentos radicais; a história apenas merece ser continuada com humildade e com o sentido da responsabilidade de melhorar em cada dia.

Hoje, aqui, estamos a celebrar.

E podemos comemorar os 25 anos de atividade?

Sim, sem dúvida.

A UPT é uma instituição privada de utilidade pública, e este interesse público que se traduz na qualificação superior dos jovens foi importante e é cada vez mais crítico, porque sabemos claramente que o país precisa de melhores técnicos, em todas as áreas, para recuperar depressa do estado difícil em que se encontra.

Partilhámos, pois, durante 25 anos, uma grande responsabilidade nacional – é bom frisá-lo – não para nos envaidecermos, mas sim para fortalecermos o nosso sentido de responsabilidade, e também para nos dispormos a prestar contas pelo modo como estamos envolvidos numa tarefa de tão grande relevância para Portugal.

Sim, podemos celebrar, porque cada um de nós que hoje trabalha na Portucalense pode cruzar-se com muitos antigos alunos, pelas ruas da cidade, e verificar que eles sentem que valeu a pena ter estado aqui naqueles anos decisivos da sua formação.

Sim, podemos celebrar!

Mas celebramos... e ficamos apenas a saborear o gosto da festa, destas “bodas de prata” que hoje nos congregam?

Não! Hoje é o primeiro dia de outros 25 anos que têm de ser ainda melhores do que os anteriores.

Mas podemos fazer melhor?

Acreditamos que os próximos serão melhores porque temos refletido sobre a nossa missão, sobre as nossas capacidades e sobre os nossos objetivos.

E, finalmente, temos um Plano. Quem tem um plano está mais consciente e tem um rumo para o futuro.

Hoje, sabemos melhor do que antes quais são as áreas em que vamos concentrar os nossos esforços e onde vamos ganhar competências especiais, que o mercado vai reconhecer. Ou seja, vamos ser mais diferenciados e mais fortes nos setores da nossa atividade. Seremos escolhidos, nessas áreas, pelos estudantes e pelas organizações.

Dizer que vamos concentrar os nossos esforços para nos diferenciarmos é outra maneira de dizer que não seremos generalistas como quase todas as outras escolas; e que não vamos pretender competir em tudo com as outras universidades. Queremos ser mais especializados e queremos ser complementares das universidades mais antigas e maiores.

É por isso que já prescindimos de alguns cursos que tínhamos mas que nos dispersavam; é por isso que não pretendemos fazer aprovar demasiadas formações, mas apenas as indispensáveis para a consistência das nossas áreas de trabalho.

Para além de concentrarmos as atividades, queremos manter uma vigilância apertada sobre a oferta formativa, para que ela satisfaça as necessidades dos estudantes e da sociedade; pretendemos estimular os docentes e tornar os

métodos de ensino mais eficientes; desejamos promover o espírito de iniciativa e o empreendedorismo; queremos fornecer aptidões largas em direção à empregabilidade, sem confundir a missão da universidade com a missão de uma escola profissional; vamos ampliar as nossas relações com outras escolas e com outros países; e queremos promover boas condições de acolhimento para todos.

Destaco agora um aspeto central deste nosso movimento: a investigação científica. Não haverá progresso – ou mesmo subsistência – sem investigação que nos qualifique, que nos torne mais competentes. Refiro-me à investigação individual clássica e também à investigação em projetos de grupo com a intenção de aplicar conhecimentos à realidade social.

Em suma: queremos que a Universidade Portucalense se torne melhor, segundo os padrões internacionais que estão a chegar a Portugal.

Como fazer isto? Como mudar para melhor?

Hoje, em Portugal, mudar para melhor é mais fácil do que dantes. Até há poucos anos, o sistema de tutela era opaco e arbitrário; o silêncio como arma administrativa era usado com grande eficácia – estimulava as escolas mais atrevidas e penalizava as mais cumpridoras; a arbitrariedade parecia ser a regra. Hoje, pelo contrário, as regras do jogo são claras: há obrigações, há direitos, há prazos. As escolas que quiserem acolher com lealdade e com interesse o processo de avaliação e acreditação do ensino superior, que está a ser desenvolvido pela Agência respetiva, sabem o que podem esperar. Pessoalmente, tenho acompanhado as visitas das comissões de avaliação externas e tenho ouvido as suas apreciações; elas apresentam-nos exigências salutares e guiões de boas práticas que têm o potencial de transformar o sistema num lugar melhor para estudar, ensinar e aprender.

Senhoras e Senhores

As universidades são lugares complexos, por várias razões. É moroso estudar, é difícil captar a atenção dos estudantes, é complicado transmitir conhecimentos de uma forma estimulante, é caro apetrechar uma escola, etc.

Não posso aqui dar-vos conta da minha experiência de uma vida em dedicação total à universidade, e das dúvidas que acumulei. Mas posso dizer-vos que há uma palavra-chave que resume as condições para o êxito dos nossos próximos 25 anos; a palavra-chave é banal: confiança.

Confiança na Entidade Instituidora e nos seus responsáveis, que têm de gerir a Universidade num quadro de grandes restrições.

Confiança nos estudantes, que devem ser respeitados não apenas como consumidores, mas como parceiros desta nossa atividade.

Confiança no empenho da nossa rede de ex-alunos, que tem mostrado uma vontade grande e inteligente de alimentar os laços que nos unem para sempre.

Confiança entre todos, capaz de garantir que todos estão a fazer o seu melhor, em direção a um futuro honesto e competente.

Deste modo, cada pequeno passo cumprirá a nossa ambição, cada gesto definirá a nossa identidade, cada abraço estremecerá o Norte que amamos.

E quando tiverem passado mais 25 anos, habitaremos o futuro por direito próprio, outros se orgulharão de nós, e então... sim! Vamos merecer a honra de estar hoje, aqui!

Guilherme de Oliveira